



XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017

Migração Inter-Regional no Brasil: o que há de novo?

Interregional migration in Brasil: What's new?

Erivelton de Sousa Nunes¹, Universidade Regional do Cariri (URCA), erivelton.s.n@hotmail.com

João Gomes da Silva², Universidade Regional do Cariri (URCA) e Observatório das Migrações no Estado do Ceará (OMECE), joaoeconomia@ymail.com

Silvana Nunes de Queiroz³, UNICAMP e Universidade Regional do Cariri (URCA), silvanaqueiroz.ce@yahoo.com.br

1 Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri (URCA) Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

2 Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Pesquisador do Observatório das Migrações no Estado do Ceará (OMECE)

3 Doutora em Demografia pela Universidade de Campinas (UNICAMP) e Professora Adjunta do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri (URCA).

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar a dinâmica migratória inter-regional no Brasil, durante os quinquênios de 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010, no intento de identificar o que há de novo no cenário migratório brasileiro, no que diz respeito às novas tendências e inflexões. Para o alcance desse objetivo, os microdados das amostras dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010, captados pelo IBGE, são a principal fonte de informações. Em termos teóricos fez-se a contextualização de estudos sobre a migração inter-regional no Brasil, no período de 1940 a 1980, isso porque, o estudo trata da análise das migrações inter-regional a partir da década de 1980. Os principais resultados apontam que entre os três quinquênios em estudo, a novidade foi que o volume da migração inter-regional diminuiu a cada interregno, com o Nordeste mantendo as suas perdas populacionais, mas em menor magnitude. Por sua vez, o Sudeste permanece como área de atração de migrantes, porém, apresenta saldos migratórios cada vez mais arrefecidos, enquanto a região Centro Oeste é o grande destaque, ao obter saldos migratórios positivos e crescentes. Quanto às demais regiões (Norte e Sul), as mesmas se caracterizam de maneira distinta, o Norte revela diminuição significativa na sua atração populacional, enquanto o Sul aponta para inflexão, ao passar de saldo migratório negativo para positivo. Portanto, as tendências das migrações brasileiras no início do século XXI, apontam para o arrefecimento do fluxo inter-regional e/ou de longa distância e, por outro lado, para a intensificação das migrações de curta distância, a partir dos fluxos intra-regionais e intra-estaduais que deverão ser crescentes.

Palavras-chave: Brasil; Migração; Inter-regional; Tendência.

ABSTRACT/RESUMEN

This work aims to analyze the interregional migration dynamics in Brazil, during the five-year periods of 1986/1991, 1995/2000 and 2005/2010, in an attempt to identify what's new in Brazilian migration scenario, in respect to new trends and inflections. To achieve this goal, the microdata sample of the Demographic Census 1991, 2000 and 2010, obtained by IBGE, are the main source of information. In theory it became the contextualization of studies on interregional migration in Brazil, in the period 1940-1980, because, the study deals with the analysis of interregional migration from the decade of 1980. The main results show that among the three five-year periods studied, the novelty was that the volume of interregional migration decreases every interregnum, with the Northeast maintaining their population losses but to a lesser magnitude. In turn, the Southeast remains as an area of attraction of migrants, however, shows net migration increasingly cooled, while the Midwest is the highlight, to achieve positive and increasing net migration. As for the other regions (North and South), they are characterized differently, the North reveals significant decrease in its population attraction, while the South points to inflection, changing from negative to positive net migration. Therefore, the trends of Brazilian migration in the early twenty-first century, point to the cooling of the interregional flow and / or long-distance and, on the other hand, to the intensification of short distance migration from the regional and state flows which will be increased.

Keywords: Brazil; Migration; Interregional; Trend.

INTRODUÇÃO

Como as migrações internas apresentam papel importante nas sociedades modernas. Em países subdesenvolvidos, tal relevância acaba assumindo um drama incontestável, dado a forte ligação existente entre as migrações internas e o forte processo de industrialização e urbanização que ocorre de maneira desigual. Desse modo, os movimentos migratórios, sejam entre as regiões, ou dentro de uma região, acabam desconcentrando determinadas áreas, tendo como consequência a concentração de outras (FERREIRA, 1986).

Seguindo essa linha de pensamento, Myrdal (1972) afirma que a dinâmica demográfica de um país, especialmente as migrações internas, originam-se das desigualdades entre as regiões. Dessa forma, os fluxos migratórios têm a tendência de seguir paralelamente as transformações na sua dinâmica econômica, uma vez que, de forma geral, geralmente os migrantes procuram se deslocar para as regiões mais industrializadas, dadas as maiores oportunidades de empregos, diante das desigualdades regionais, que caracterizam o sistema de produção capitalista.

Conforme Baeninger (2012), a temática envolvendo as migrações internas brasileiras obtém importância crescente nas análises populacionais do país ao longo do século atual. Por um lado, houve um redesenho das migrações de longa distância quanto às suas trajetórias e, de outro, as migrações entre os meios urbanos passaram a sofrer especificidades dadas às dinâmicas regionais.

Ao averiguar a migração no Brasil no início do século XXI, Cunha (2006) sugere que as tendências de redistribuição centrípeta da população, ou seja, em direção ao Sudeste, bem como a redistribuição centrífuga, em direção às fronteiras agrícolas, apesar de não perderem relevância no cenário migratório brasileiro, não se mostram mais como os únicos e mais importantes fluxos migratórios no país.

Ademais, o estudo das migrações é justificado por seu importante papel como mecanismo de formação da sociedade. A identificação das origens e destinos dos migrantes possibilita o estabelecimento das direções tomadas pelos movimentos populacionais e, permite analisar o nível ou situação da economia local, apresentando importante papel no âmbito da conjuntura econômica (QUEIROZ; SANTOS, 2015)

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar a dinâmica migratória inter-regional no Brasil, durante os quinquênios de 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010, no intento de identificar o que há de novo no cenário migratório brasileiro, a partir das tendências e inflexões ao longo desses três interregnos.

Assim sendo, o referido estudo faz uma abordagem do processo migratório no país, em âmbito regional. Para tanto, além dessa introdução, a segunda seção contextualiza estudos sobre a migração inter-regional no Brasil, no período de 1940 a 1980. Em seguida, a terceira apresenta a metodologia adotada para mensurar os fluxos migratórios inter-regionais. A quarta seção analisa os fluxos migratórios inter-regionais. Por fim, a última seção traz a conclusão do estudo.

A MIGRAÇÃO INTER-REGIONAL NO BRASIL ENTRE 1940-1980

Essa seção tem como objetivo contextualizar estudos sobre a migração inter-regional no Brasil, no período de 1940 a 1980, isso porque, a contribuição desse trabalho será a análise recente sobre o que há de novo no fluxo migratório inter-regional brasileiro, a partir de suas tendências e inflexões pós 1980.

Nesse sentido, de acordo com Camarano e Beltrão (2000), na década de 1940, o êxodo rural envolveu cerca de 2 milhões de migrantes no contexto nacional. Em nível regional, o Sudeste e o Nordeste apresentaram saldos migratórios negativos. Já o Sul e o Centro Oeste, tiveram dinâmica diferente, com saldos migratórios positivos, por conta da expansão de sua fronteira agrícola.

Quanto aos anos 1950, esta década ficou conhecida como o período de maior fluxo migratório inter-regional do país, sendo as migrações internas representadas pelo modelo “pau de arara”, dada a grande saída de pessoas do campo para a cidade, onde grande parte dos migrantes era proveniente do Nordeste (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1998).

Os fatores explicativos desse fenômeno consistem principalmente na seca no Nordeste, construção da rodovia Belém-Brasília e da nova Capital Federal do Brasil. Ademais, presenciaram-se volumosas migrações em direção as áreas metropolitanas e para a colheita do café no Sudeste (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1998).

[...] Na década de 50, fatores climáticos severos expulsaram grandes contingentes de nordestinos, cuja emigração foi facilitada pela intensificação do processo de industrialização e pelo início das grandes obras de construção civil no Centro-Sul e Centro-Oeste. Na década de 60, o fim da grande seca, a recessão provocada no meio da década e os esforços governamentais visando a redução dos desequilíbrios regionais, devem ter contribuído para uma maior retenção, e até um certo retorno, de Nordestinos. Na década de 70, o Nordeste voltou a sofrer um êxodo notável na maioria dos estados, (...), sugerindo que investimentos na área de exploração petroleira e da petroquímica talvez tenham tido influencia na retenção e/ou atração de população (MARTINE; CAMARGO, 1984).

Já na década de 1960, o país presenciou o chamado início do declínio caipira, em que parcela majoritária dos emigrantes rurais brasileiros era do Sudeste, e não mais do Nordeste como na década passada. Ademais, nos anos de 1960, as grandes trajetórias migratórias dominantes estavam relativamente estruturadas, articulando os dois grandes estoques de força de trabalho e os estados que apresentavam destaque no crescimento urbano-industrial, bem como as regiões onde havia predominância da fronteira agrícola, especialmente o Norte e o Centro Oeste. Dessa forma, grande parte do Centro Oeste articulava relevantes trajetórias, com destaque para a passagem do grande volume emigratório do extremo Sul (BRITO, 2002).

Nos anos 1970, o Nordeste diminuiu levemente o seu movimento emigratório, seja em termos absolutos ou relativos, respondendo ainda por um terço do montante total de emigrantes do país (BRITO, 2002). Entretanto, em nível estadual, conforme Queiroz (2013), as décadas de 1970 e 1980 representaram o período de maior perda populacional para o Ceará, ao emigrar 464.781 pessoas, em detrimento de 150.434 imigrantes.

Quanto ao Sul do país, ao longo dos anos 1970, aproximadamente 70% da população residente na região era proveniente do meio rural, correspondendo a 27,5% do montante de migrantes rurais brasileiros. Ao longo desse período, houve crescimento de 4,7 milhões de pessoas na sua população rural, sendo que quase metade desse acréscimo migratório se deveu a migração urbana. Durante essa década, o Norte atraiu agricultores do Sul, apresentando saldo migratório positivo.

Segundo Taschner e Bógus (1986), considerando os fluxos migratórios inter-regionais, durante a década de 1970, Sudeste apresenta-se como o principal polo de atração migratória, uma vez que cerca de 54,28% desses fluxos foram direcionados para tal região, enquanto somente 2,13% da

população regional migrou do Sudeste para outras regiões. A região Centro Oeste também se apresentou como grande receptora de migrantes, uma vez que nesse mesmo período recebeu cerca de 1 milhão de pessoas, advindas das demais regiões.

A região Norte, por sua vez, também recebeu percentual relevante de migrantes na década 1970 (12,63% dos migrantes inter-regionais), em grande parte proveniente do Nordeste. Já a região Sul, foi a segunda que mais expulsou migrantes na referida década, principalmente para o Sudeste. Por fim, o Nordeste manteve sua tendência de evasão populacional, sendo importante fonte de mão de obra para o Sudeste, e começando novos fluxos migratórios para o Norte e o Centro Oeste.

Conforme Aydos (2010), durante o período de 1950-1980, ocorreu no cenário migratório brasileiro aumento significativo nas migrações internas em direção a região Sudeste, seja em números relativos ou absolutos. A explicação para tal fenômeno consiste na implementação da planta industrial pesada no país, que gerou expressivo crescimento econômico, com o Brasil apresentando maior inserção no mercado internacional, por meio da maior produção de bens de exportação, baseada nas indústrias paulistas e cariocas, que desencadeou o processo de concentração regional do desenvolvimento econômico. O maior crescimento vegetativo também contribuiu para a elevação de migrantes para o Sudeste do país.

Por outro lado, ao longo da década de 1980, a taxa de migração líquida mensurada para o Nordeste, sinaliza tendência de arrefecimento já observado na década de 1970, ao cair de 4,1 mil para 2,5 mil migrantes. Ademais, o fluxo emigratório observado na década de 1980 teria decrescido quase a metade do observado na década de 1960 (MOURA e TEIXEIRA, 1997).

Por sua vez, Baeninger (2012) sinaliza que os movimentos migratórios internos no Brasil, desde os anos 1960 se relaciona diretamente a fatores como a industrialização e a urbanização, incorporadas nas diversas fases da dinâmica econômica, social e política, assistidas pelo país durante tal período. Assim, após os anos 1970, as transformações nos movimentos migratórios interno cresceram de forma significativa.

No tocante à redistribuição espacial da população ao longo da década de 1980, Martine (1987) sinalizou que a região Norte e Centro Oeste recebeu considerável contingente de migrantes, já o Nordeste apresentou contenção em seu fluxo emigratório, enquanto o movimento migratório em direção ao Sudeste reduziu, especialmente em função da recessão da crise econômica, e intensificou o movimento migratório de retorno. Já a região Sul, manteve sua característica de expulsar migrantes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As cinco grandes regiões brasileiras são a área de escopo desse estudo (Figura 1). Quanto ao espaço temporal, os interregnos de 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010 serão analisados, dado que se estuda o migrante de data fixa. Para tanto, os microdados das amostras dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 são a principal fonte de informações.

Figura 1: Mapa de localização e divisão política das cinco grandes regiões brasileiras



Fonte: IBGE - Malha Municipal Digital do Brasil (2010).

Com relação as definições adotadas no estudo, as mesmas são as seguintes.

Migrante inter-regional - indivíduo com cinco anos ou mais de idade, que na data de referência do Censo Demográfico residia em uma região, mas em uma data fixa (exatamente cinco anos antes do recenseamento) morava em outra região.

Saldo migratório – representa a diferença entre o total de imigrantes e o de emigrantes entre as cinco grandes regiões.

Quanto a matriz migratória, o fluxo entre as cinco grandes regiões do Brasil é apresentada da seguinte forma:

$$A = \begin{bmatrix} a_{11} & \cdots & a_{1j} \\ \vdots & \ddots & \vdots \\ a_{j1} & \cdots & a_{jj} \end{bmatrix}$$

a_{ij} = saída do migrante da região i para a região j

$$\sum_{j=1}^5 a_{1j} = \text{total de pessoas que emigram (saída) da região 1 para as demais (outras quatro grandes regiões)}$$

$$\sum_{i=1}^5 a_{i1} = \text{total de pessoas que imigram (entrada) das demais regiões para a região 1}$$

$$a_{11} = a_{22} = a_{33} = \dots = a_{jj} = 0$$

A partir dessa matriz é possível identificar os fluxos migratórios inter-regionais (entre as cinco grandes regiões do Brasil) e identificar as regiões que mais recebem imigrantes, as que mais perdem emigrantes, bem como o saldo migratório da cada grande região.

Por sua vez, o Índice de Eficácia Migratória (IEM) mensura a capacidade de atração, evasão ou rotatividade migratória de uma área. Tal índice é mensurado a partir da relação entre o saldo migratório (I-E) e o total de migrantes (I+E).

$$IEM = \frac{(I - E)}{(I + E)}$$

O mesmo possibilita comparar as regiões/estados, independente do volume migratório absoluto (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2011). O IEM varia de -1 a +1, em que valores de:

- i) -0,13 a -1,00: representa área de perda migratória;
- ii) -0,12 a 0,12: representa área de rotatividade migratória;
- iii) 0,13 a 1,00: representa área de retenção migratória.

Por sua vez, o Índice de Reposição Populacional (IRP) permite mensurar a capacidade da área/região repor a sua população e é medido pela razão entre o número de imigrantes e o volume de emigrantes.

$$IRP = \frac{(I)}{(E)}$$

Conforme Baeninger (1999), a utilização do Índice de Eficácia Migratória e do Índice de Reposição populacional é relevante, na medida em que permitem caracterizar o potencial migratório das áreas, dando aos fatores de atração e expulsão novos significados.

BRASIL: MIGRAÇÃO INTER-REGIONAL EM ANOS RECENTES – 1986/1991, 1995/2000 E 2005/2010

Esta seção apresenta e discute os resultados acerca da dinâmica migratória inter-regional no Brasil, considerando os períodos de 1986/1991, 2000/2005 e 2005/2010, a fim de apresentar as principais transformações migratórias nos referidos períodos.

O FLUXO NO QUINQUÊNIO 1986/1991

Ao analisar o fluxo migratório entre as cinco grandes regiões brasileiras, contata-se que durante o quinquênio 1986/1991, 3.225.926 migrantes se deslocaram no país (Tabela 1). Em nível regional, o Nordeste recebeu 477.910 (14,81%) imigrantes e perdeu 1.354.655 pessoas, o que equivale a 41,99% das emigrações nacionais, apresentando o maior saldo migratório negativo (-876.745), mostrando-se como a principal região de expulsão populacional. Por outro lado, nesse interregno, o Sudeste se destacou no tocante as entradas (1.426.940), ao receber 44,23% do total de imigrantes e uma saída de 786.867 (24,39%) emigrantes, obtendo o maior saldo migratório positivo (640.073) entre as regiões em apreço. O expressivo saldo dessa região deve-se ao elevado número de migrantes procedentes da região Nordeste e Sul, evidenciando a sua capacidade de atração. Tal resultado é reflexo da intensa industrialização ocorrida no país até o final dos anos 1970, concentrada na região Sudeste, notadamente no estado de São Paulo.

Tabela 1 – Fluxo migratório inter-regional – Brasil – Grandes Regiões

1986/1991										
Regiões	NO	NE	SE	SUL	CO	Emigrantes		Saldo Migratório	1995/2000	
						Total	(%)		Total	(%)
NO	-	79.466	73.281	29.182	95.377	277.306	8,6	131.214		
NE	217.193	-	917.479	21.565	198.418	1.354.655	41,99	-876.745		
SE	78.998	334.432	-	170.416	203.021	786.867	24,39	640.073		
SUL	41.189	16.630	282.118	-	130.472	470.409	14,58	-185.141		
CO	71.140	47.382	154.062	64.105	-	336.689	10,44	290.599		
Imigrantes	408.520	477.910	1.426.940	285.268	627.288	3.225.926	100	0		
Imigrantes (%)	12,66	14,81	44,23	8,84	19,45	100				
1995/2000										
Regiões	NO	NE	SE	SUL	CO	Emigrantes		Saldo Migratório	2005/2010	
						Total	(%)		Total	(%)
NO	-	86.834	68.186	22.954	114.771	292.745	8,7	62.693		
NE	182.713	-	969.433	31.028	228.245	1.411.419	41,96	-764.054		
SE	75.464	462.623	-	214.920	193.277	946.284	28,13	458.583		
SUL	26.990	27.892	205.974	-	88.952	349.808	10,4	-19.192		
CO	70.271	70.016	161.275	61.714	-	363.276	10,8	261.969		
Imigrantes	355.438	647.365	1.404.867	330.616	625.245	3.363.531	100	0		
Imigrantes (%)	10,57	19,25	41,77	9,83	18,59	100				
2005/2010										
Regiões	NO	NE	SE	SUL	CO	Emigrantes		Saldo Migratório	Fonte: Microdados das amostras dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (IBGE). Elaborado pelo Observatório das Migrações no Estado do Ceará (CNPq-URCA)	
						Total	(%)		Total	(%)
NO	-	79.075	56.448	22.275	102.872	260.670	8,74	36.482		
NE	146.372	-	828.159	50.903	246.978	1.272.413	42,68	-701.077		
SE	55.700	386.721	-	210.393	185.266	838.080	28,11	325.496		
SUL	21.107	27.629	151.223	-	68.933	268.892	9,02	76.292		
CO	73.972	77.910	127.745	61.613	-	341.240	11,45	262.808		
Imigrantes	297.152	571.335	1.163.575	345.184	604.048	2.981.294	100	0		
Imigrantes (%)	9,97	19,16	39,03	11,58	20,26	100				

Conforme Aydos (2010), os anos de 1950 a 1980 representaram mudanças significativas na industrialização brasileira, acompanhadas de substanciais elevações do crescimento econômico. Ademais, a autora complementa que o Brasil passou a ter inserção no mercado internacional, com maior centralização no processo produtivo de bens voltados para exportação, nas indústrias de São Paulo e do Rio de Janeiro. Tal centralização proporcionou a concentração regional do desenvolvimento econômico, que somado ao crescimento populacional nacional, aumentou significativamente a migração em direção à região Sudeste.

Com relação à região o Centro Oeste, a mesma apresentou o segundo maior volume imigratório do país, com 627.288 pessoas, e o menor fluxo emigratório (336.926 pessoas), se destacando com o segundo maior saldo migratório positivo (290.599), sendo importante área de atração no cenário nacional.

No tocante ao Sul do país, 285.268 imigrantes (8,8%) foram para essa área e 470.409 emigrantes partiram, apontando para um saldo migratório negativo de -185.141 indivíduos. Além disso, é importante ressaltar que a região Sul ganhou mais população do Sudeste, dada às saídas ocorridas para essa região (Sudeste) em tempos passados.

Quanto ao Norte do país, apesar da região apresentar os menores volumes migratórios, ao atrair 408.520 (12,66%) imigrantes e perder 277.306 (9,60%) emigrantes, obtém saldo migratório positivo de 131.214 pessoas, com destaque para as imigrações procedentes do Nordeste e emigrações para o Centro Oeste.

O FLUXO NO QUINQUÊNIO 1995/2000

No tocante ao fluxo migratório inter-regional no quinquênio 1995/2000, o mesmo envolveu 3.363.531 pessoas, apresentando aumento de 137.605 migrantes em relação ao intervalo anterior (3.225.926). Em nível regional, o Nordeste permanece como a principal área de perda populacional, mas o saldo migratório negativo se arrefeceu de -876.745 pessoas para -764.054, entre 1986/1991 e 1995/2000, respectivamente. Ademais, verifica-se aumento das migrações do Nordeste para as regiões Sudeste, Sul e Centro Oeste, e redução para o Norte do país.

No que tange a região Sudeste, embora a mesma permaneça como a principal área de atração de migrantes, ela apresentou diminuição no saldo migratório positivo, ao passar de 640.073 pessoas para 458.583, entre 1986/1991 e 1995/2000, respectivamente.

Para Martine (1994), a recessão na década de 1980 diminuiu a impulsão das migrações para o Sudeste, em que ocorreu, inclusive, o movimento de retorno. Ademais, conforme Moura (1999), ao considerar as mudanças no padrão migratório do Nordeste brasileiro, com a redução da estabilidade do emprego na região Sudeste, especialmente na RMSP, constata-se a diminuição de migrantes do Nordeste em direção ao Sudeste.

Cano (1997) e Queiroz (2003) complementam o pensamento, afirmando que os investimentos realizados em outras regiões brasileiras ocasionaram a redução dos movimentos migratórios direcionados ao Sudeste. Acrescentam que a causa da diminuição da atratividade da região é fruto do processo de desconcentração da atividade produtiva, que estimulou o crescimento da migração de retorno.

Em relação à região Centro Oeste, houve a permanência desta área como a segunda região de atração no cenário migratório nacional. Apesar de o seu saldo migratório ter apresentado queda, a região manteve-se com o segundo maior saldo do país, com 261.969 pessoas. Além disso, os dados revelam que a região sofreu perda migratória principalmente para a região Nordeste, enquanto a maior parte dos ganhos se deve ao Sudeste.

No caso da região Norte, observa-se redução acentuada no seu saldo migratório positivo, que passou de 131.214 pessoas para 62.693, entre os dois primeiros períodos em estudo. Nesse sentido, conforme Martine (1994), após 1986, as migrações destinadas à região diminuíram ou praticamente acabaram, justificadas pelo:

[...] fim do Polonoroeste e de outros subsídios à agricultura na Amazônia, as dificuldades inerentes à região e a ausência de soluções tecnológicas para a agricultura, as mudanças feitas nas políticas de preço mínimo e de transporte, no intuito de fortalecer os mecanismos de "mercado", o protesto nacional e internacional contra as políticas públicas que favoreciam o desmatamento, e uma série de outros fatores. (MARTINE, 1994, p 16).

Já a região Sul, no quinquênio 1995/2000, diminuiu significativamente as suas perdas populacionais para -19.192 migrantes, contra um saldo migratório de -185.141, no intervalo 1986/1991. Este resultado deve-se a dois fatores: o maior fluxo imigratório, especialmente do Sudeste, e a diminuição das emigrações para a região Centro Oeste e o Nordeste.

O FLUXO NO QUINQUÊNIO 2005/2010

No que se refere ao fluxo migratório inter-regional brasileiro no período de 2005/2010, verifica-se decréscimo de 382.237 pessoas no volume total migrando entre as cinco grandes regiões, ao passar de 3.363.531 para 2.981.294, entre 1995/2000 e 2005/2010, respectivamente. Conforme Baeninger (2012), o cenário atual das migrações nacionais evidencia uma nova tendência, “a interiorização migratória”, com trajetórias de distâncias mais curtas, englobando aglomerações urbanas e locais não metropolitanos, sinalizando uma característica de retenção migratória por parte dos estados e regiões.

Em relação à região Nordeste, ocorreu redução importante no volume das imigrações bem como das emigrações, implicando em diminuição no seu saldo negativo de -764.054 pessoas, entre 1995/2000, para -701.077, no último intervalo. Também é importante salientar a diminuição nos fluxos para o Norte e o Sudeste, e aumento para as regiões Sul e Centro Oeste.

Quanto à região Sudeste, a mesma continua como a principal área de atração de migrantes, no entanto, apresentou significativa redução nas suas entradas e diminuição nas saídas, com o saldo migratório caindo expressivamente de 458.583 para 325.496, mas mantendo-se em primeiro lugar. Baeninger (2012) e Queiroz (2013) sinalizam que tal redução pode ser explicada pelo menor incremento dos empregos formais na região Sudeste e, em especial, na RMSP.

Com relação à região Centro Oeste, no quinquênio 2005/2010, observa-se aproximação do seu saldo migratório (262.808) em relação ao do Sudeste (325.496), mostrando que a região aponta para a tendência de se aproximar, cada vez mais, do volume do Sudeste e, possivelmente, tornar-se o principal polo de atração de migrantes do país, com destaque, em nível estadual, para o estado de Goiás, conforme aponta o estudo de Queiroz e Santos (2015).

Além disso, os movimentos migratórios do Centro Oeste apresentaram descenso para o Norte, Sudeste e Sul, e crescimento para o Nordeste. Segundo Juttel (2007), nos dias atuais, o Centro Oeste, em específico os estados de Goiás e Mato Grosso, tem apresentado destaque na sua economia, o que implicou em elevação das imigrações para a região, especialmente advindos do Nordeste.

Por outro lado, o Sudeste passa a apresentar efeito contrário, ao se mostrar, paulatinamente, arrefecimento na sua atratividade, dado a relativa estagnação econômica e descentralização industrial, bem como a urbanização nas demais regiões e expansão de novas fronteiras agrícolas do país.

No tocante ao Norte, o seu saldo migratório positivo caiu pela metade (de 62.693 para 36.482, entre 1986/1991 e 2005/2010, respectivamente), especialmente pela diminuição de suas imigrações, conforme sinalizada por Martine (1994) e ratificado por Baeninger (2002), que destacam que após a década de 1990, com o esgotamento econômico da região, houve perda da sua atratividade populacional.

Outra inferência importante refere-se à região Sul que, ao longo dos três quinquênios em estudo, pela primeira vez, apresenta saldo migratório positivo (76.292), explicado, principalmente, pela redução das emigrações para o Sudeste. Comparado ao quinquênio passado (1995/2000), foi à única região a apresentar aumento nas imigrações.

De acordo com Queiroz e Santos (2011), a região Sul considerada historicamente como área de perda populacional se torna mais atrativa. Segundo Jardim et. al. (2009), nas últimas três décadas, houve modificações significativas na região Sul, especialmente nas relações de produção e no âmbito do trabalho, reorganizando a rede urbana, dando impulso ao maior fluxo populacional e de mercadorias entre os seus municípios.

Sendo assim, constata-se que o volume de migração inter-regional desacelera, e o Nordeste mantém suas perdas populacionais, entretanto, em menor magnitude. O Sudeste e o Norte (em menor volume) permanecem como área de atração populacional, mas apresentam saldos migratórios cada vez menores, enquanto o Centro Oeste ganha atratividade, ao obter saldos migratórios positivos e crescentes, e o Sul inverte o seu saldo de negativo para positivo.

ÍNDICE DE EFICÁCIA MIGRATÓRIA (IEM) E O ÍNDICE DE REPOSIÇÃO POPULACIONAL (IRP) INTER-REGIONAL

Quanto ao potencial migratório das cinco grandes regiões brasileiras, ao considerar o Índice de Eficácia Migratória (IEM) inter-regional, no quinquênio 1986/1991, constata-se que o Centro Oeste (0,30), Sudeste (0,29) e Norte (0,19) mostraram-se como áreas de retenção migratória, enquanto o Nordeste (-0,48) e o Sul (-0,25) obtiveram o oposto com perdas migratórias, ratificando os resultados dos saldos migratórios para o primeiro interregno em estudo (Tabela 1).

Tabela 2 - Índice de Eficácia Migratória (IEM) segundo Grandes Regiões brasileiras - 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010

Regiões	1986/1991	1995/2000	2005/2010
	IEM	IEM	IEM
Norte	0,19	0,10	0,07
Nordeste	-0,48	-0,37	-0,38
Sudeste	0,29	0,20	0,16
Sul	-0,25	-0,03	0,12
Centro Oeste	0,30	0,27	0,28

Fonte: Microdados das amostras dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (IBGE). Elaborado pelo Observatório das Migrações no Estado do Ceará (CNPq-URCA).

No período seguinte (1995/2000), constatam-se mudanças, o Norte (0,10) e o Sul (-0,03) tornaram-se áreas de rotatividade migratória e as demais regiões permaneceram com as mesmas características do quinquênio passado (perdas migratórias). No período 2005/2010, o Norte (0,07) e o Sul (0,12) continuaram figurando como regiões de rotatividade migratória, o Sudeste e o Centro Oeste como regiões de retenção migratória, com Índice de Eficácia Migratória (IEM) superior a 0,12. Por outro lado, apenas o Nordeste mostra-se como área de perda migratória, já que obteve IEM inferior a -0,13, entretanto, reduziu suas perdas em relação ao quinquênio 1986/1991.

Quanto ao Índice de Reposição Populacional (IRP), que aponta para a capacidade da região em repor a sua população em face da razão entre o volume de imigrantes e de emigrantes, no quinquênio 1986/1991, a região Centro Oeste mostrou o melhor desempenho, dado que para cada 19 entradas 10 pessoas saíram. Já a região Sudeste, para cada 10 saídas 18 entraram, enquanto o Nordeste foi responsável pela pior reposição, com 4 entradas para cada 10 saídas.

Tabela 3 - Índice de Reposição Populacional (IRP) segundo Grandes Regiões brasileiras - 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010

Regiões	1986/1991	1995/2000	2005/2010
	IRP	IRP	IRP
Norte	1,47	1,21	1,14
Nordeste	0,35	0,46	0,45
Sudeste	1,81	1,48	1,39
Sul	0,61	0,95	1,28
Centro Oeste	1,86	1,72	1,77

Fonte: Microdados das amostras dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (IBGE). Elaborado pelo Observatório das Migrações no Estado do Ceará (CNPq-URCA).

No período 1995/2000, o Centro Oeste reduziu o seu IRP, porém manteve-se com a maior reposição, em que para 17 entradas 10 pessoas saíram, e o Nordeste permaneceu com a pior reposição populacional, embora tenha aumentado tal índice para 0,46, ou seja, 5 imigrantes para 10 emigrantes. O Sudeste e o Norte apresentaram reduções no referido índice, que arrefeceram cerca de 3 imigrantes para 10 emigrantes, enquanto o Sul foi o que mais se destacou, com a melhoria de 0,34 no IRP.

Entre 2005/2010, o Centro Oeste (1,77) melhora ligeiramente a sua capacidade de reposição populacional em relação ao quinquênio anterior, e o Nordeste (0,45) mantém esse índice, aparecendo, com o melhor e pior IRP, respectivamente. Por sua vez, Sudeste reduziu o seu índice, de 1,48 para 1,39. O destaque foi para o Centro Oeste, que passou a figurar como a principal área de retenção migratória do país, superando inclusive a região Sudeste. Por sua vez, nesse mesmo período, o Sul apresentou a maior melhora quanto ao seu índice de reposição, de 0,95 para 1,28, que corresponde a aproximadamente 13 imigrantes para 10 emigrantes. Enquanto isso, o Norte manteve redução no seu IRP, que passou a ser de 11 entradas para 10 saídas.

No caso do Centro Oeste, conforme Guimarães e Leme (1997), as décadas de 1970 e 1980 responderam pelo crescimento mais significativo da região, com a introdução de importantes agroindústrias, com capitais internos e externos. Nesse sentido, o governo também contribuiu com o desenvolvimento da região, através do Programa de Desenvolvimento do Centro Oeste (Prodoeste); O Plano de Desenvolvimento Econômico e Social do Centro Oeste (Pladesco); O Programa Especial de Desenvolvimento do Pantanal (Prodepan); O Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro); e o Programa de Desenvolvimento Rural Integrado do Noroeste do Brasil (Polonoroeste), (ANVERSA, 2010).

Ademais, o IRP elevado do Centro Oeste está relacionado com a atratividade populacional do estado de Goiás. De acordo com Queiroz e Santos (2014), com base nos microdados do Censo Demográfico 2010, essa UF é o segundo polo de atração de migrantes interestaduais do país, tendendo em alguns anos, tomar o posto do estado de São Paulo.

No caso do Nordeste, a melhora no IRP, embora tenha havido redução no quinquênio 2005/2010, deve-se as melhoras gradativas no seu saldo migratório. Brito e Carvalho (2006) afirmam que há uma nova tendência nas trocas migratórias entre o Nordeste e o Sudeste, onde se elevam as emigrações do Sudeste para o Nordeste, em função dos movimentos de retorno.

Queiroz e Santos (2011) acrescentam que as migrações de retorno para o Nordeste estão relacionadas às complicações encontradas no local de destino, principalmente em regiões metropolitanas, com elevados índices de violência, altas taxas de desemprego, encarecimento do solo urbano etc.

Em síntese, ao longo dos três quinquênios em estudo, o Centro Oeste figura como a região de melhor reposição populacional, e o Nordeste com a maior perda, apesar do seu arrefecimento. Ademais, nota-se a redução gradativa dos índices de reposição do Norte e Sudeste, e o crescente destaque do Sul no cenário migratório nacional, fato evidenciado pela melhora no seu IEM e IRP.

CONCLUSÕES

Este estudo teve como principal objetivo analisar a dinâmica migratória inter-regional no Brasil, nos quinquênios 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010, no intento de identificar o que há de novo no cenário migratório brasileiro, no que diz respeito às novas tendências e inflexões.

Considerando o fluxo ao longo dos três interregnos em estudo, foi possível constatar arrefecimento no volume migratório em âmbito inter-regional, apontando para o arrefecimento das migrações de longa distância. Tal tendência está associadas as políticas de desconcentração da atividade econômica do Sudeste em direção as demais regiões do país. Assim, os indivíduos migraram menos, uma vez que foram criadas oportunidades de trabalho na própria região.

No que concerne ao Nordeste, região caracterizada tradicionalmente por elevada perda populacional, paulatinamente, a mesma diminui as emigrações, arrefecendo o seu saldo migratório negativo. Além disso, as emigrações que se destinavam notadamente para as regiões Norte e Sudeste reduziram em detrimento do aumento para o Sul e o Centro Oeste.

Com relação ao Sudeste, essa região ainda permanece como o principal destino dos migrantes inter-regionais do Brasil, entretanto, o seu poder de atração populacional não é o mesmo como em décadas passadas, ao apresentar saldo migratório positivo, porém decrescentes. Esse arrefecimento está relacionado a relativa estagnação econômica do Brasil ao longo das décadas de 1980 e 1990, e descentralização da atividade industrial do Sudeste em direção as demais regiões do país.

Por sua vez, a novidade ou o grande destaque foi o Centro Oeste que, a cada interregno em estudo, torna-se mais atrativo, com saldos migratórios positivos e crescentes, com possibilidades de tornar-se o principal local de destino do país em períodos seguintes. Tal dinâmica tem relação com a expansão da sua fronteira agrícola, seguido do incremento de atividades industriais, a qual tem sido importante para a geração de empregos e crescimento da atratividade migratória dessa região.

Com relação à região Norte, é constatado ao longo dos quinquênios, um baixo volume migratório, com arrefecimento no seu saldo migratório positivo, que corresponde à metade do volume no período inicial. Tais fatos estão relacionados ao esgotamento de sua fronteira agrícola, influenciando à saída de pessoas da região.

No que se refere ao Sul, outra região marcada por elevada perda populacional, ao longo do período em estudo, foi possível evidenciar inflexão em tal tendência, a mesma passou de saldo migratório negativo para positivo, tornando-se área de atração. Essa dinâmica reflete à nova reconfiguração do espaço econômico da região, com a atração de indústrias e criação de empregos, influenciado a retenção de migrantes e a atração de novos migrantes e/ou de retornados.

Em linhas gerais, a novidade evidenciada no fluxo migratório inter-regional do Brasil foi a desaceleração do volume da migração entre as cinco grandes regiões ou de longa distância. Em nível regional constaram-se inúmeras inflexões e/ou tendências: i) o Nordeste arrefece as suas perdas populacionais; ii) o Sudeste e o Norte apresentam saldos migratórios positivos, porém cada vez menores; iii) o Centro Oeste intensifica a sua atratividade, ao passar a obter saldos migratórios crescentes; iv) e o Sul passa de saldo migratório negativo para positivo.

Portanto, a dinâmica migratória do Brasil no início do século XXI, de um lado, sugere novas regiões ganhadoras de população e, do outro lado, aponta para a tendência da intensificação das migrações de curta distância, a partir dos fluxos intra-regionais e intra-estaduais que deverão ser crescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANVERSA, J. S. A expansão agrícola da região Centro Oeste e sua inserção econômica no território nacional. Universidade de São Paulo. Faculdade de arquitetura e urbanismo. Disponível em: http://www.fau.usp.br/cursos/graduacao/arq_urbanismo/disciplinas/aup0270/6t-alun/2010/m8/10-anversa.pdf. Acesso em: 23/03/2016.

- AYDOS, M. R. Migrações Internas no Brasil Contemporâneo: reflexões teóricas e analíticas dos principais fluxos interestaduais 1930-2008. In: XVI Semana PUR - IPPUR/UFRJ, 2010, Rio de Janeiro. XVI Semana PUR - IPPUR/UFRJ, 2010.
- BAENINGER, R. Expansão, Redefinição ou Consolidação dos Espaços da Migração em São Paulo? Análises a partir dos primeiros resultados do Censo 2000. Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP, Ouro Preto, 2002.
- BAENINGER, R. Fases e faces da migração em São Paulo. 1. ed. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População, 2012. v. 1. 152p.
- BAENINGER, R. Região, Metrópole e Interior: Espaços Ganhadores e Espaços Perdedores nas Migrações Recentes. Brasil, 1980-1996. Tese de Doutorado. IFCH/UNICAMP, 1999.
- BAENINGER, R. Rotatividade Migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. REMHU (Brasília), v. 27, p. 38-57, 2012.
- BRITO, F. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? In: CARLEIAL, A. N. Rio de Janeiro, 2002. BRITO, F.; CARVALHO, J. A. M. As migrações internas no Brasil e as novidades sugeridas pelos censos demográficos de 1991 e 2000 e pelas PNADs recentes. Parcerias Estratégicas, Brasília, DF, v. 22, p. 441-455, 2006.
- CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. Revista Brasileira de Estudos de População, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.
- CAMARANO, A. A.; BELTRÃO, K. I. Distribuição espacial da população brasileira: mudanças na segunda metade deste século. IPEA. Rio de Janeiro, novembro de 2000.
- CANO, W. Concentração e desconcentração industrial no Brasil: 1970/95. In: Revista econômica e sociedade. São Paulo, n.8, p. 101-141, jun.1997.
- CUNHA, J. M. P. A migração no Brasil no começo do Século 21: continuidades e novidades trazidas pela PNAD 2004. Parcerias Estratégicas, n. 22, p. 381-439, 2006
- FERREIRA, A. Migrações internas e subdesenvolvimento: Uma discussão. Revista de Economia Política, vol. 6, nº. 1, janeiro-abril/1986.
- GUIMARÃES, E. N.; LEME, H. J. de C. Caracterização histórica e configuração espacial da estrutura produtiva do Centro Oeste. Textos NEPO 33, 1997.
- JUTTEL, L. P. Norte e Centro-Oeste, novos pólos de migração. Cienc. Cult. v.59 n.4, São Paulo. 2007.
- JUSTO, W. R; SILVEIRA NETO, R.M. Migração inter-regional no Brasil: Evidências a partir de um modelo espacial. Economia, v. 7 (1): 163-187. 2006.
- MARTINE. G, A redistribuição espacial da população brasileira Durant a década de 80, Texto para Discussão N° 239, IPEA, 1994.
- MARTINE, G. Migrações internas no Brasil: tendências e perspectivas, 18p. (mimeo). 1987.

- MARTINE, G; CAMARGO, L. Crescimento e distribuição da população brasileira: tendências recentes. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, Abep, v. 1, n. 2, p. 99-143, jan./dez. 1984. MOURA, H. A. de. A migração nordestina em período recente - 1981/1996. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, Fundaj, v. 15, n. 1, p. 101-148, jan./jun. 1999.
- MOURA, H. A.; TEIXEIRA, P. As tendências Recentes do Crescimento Populacional Nordeste: FUNDAJ, Recife, 1997
- OLIVEIRA, L. A. P. de (Org.); OLIVEIRA, A. T. R. (Org.). Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. 1. ed. RIO DE JANEIRO: FUNDAÇÃO IBGE, 2011, v. 1. 110p.
- PACHECO, C. A.; PATARRA, Neide Lopes. Movimentos Migratórios Anos 80: Novos Padrões? In: Encontro Nacional sobre Migração, Anais do Encontro Nacional sobre Migração Curitiba, Paraná, 1998.
- PASTERNAK, S; BÓGUS, L. M. M. Mobilidade Espacial da População Brasileira: aspectos e tendências. *Revista Brasileira de Estudos da População*, Campinas, v. 3, n.2, p. 87-129, 1986.
- QUEIROZ, S. N.; SANTOS, J. M. Os Fluxos Migratórios do Estado de Goiás no Período Recente: 1986-2010. *Conjuntura Econômica Goiana*, v. 1, p. 21-36, 2015.
- QUEIROZ, S. N; SANTOS, J. M. Saldos Migratórios: Uma Análise por Estados e Regiões do Brasil (1996-2006). *Revista Econômica do Nordeste*, v. 42, p. 309-332, 2011.
- TAVARES, G. Q. Migração Interna Populacional e sua Participação no Desenvolvimento Regional no Final do Século XX. 2001. F. 107. Dissertação (Mestrado em Administração) - Fundação Getúlio Vargas, 2001.